



O REI DO PERVERSO

LIVRO 2

AUTORA SENSÇÃO DA FANTASIA YA
HOLLY BLACK

SECRET
SOCIETY

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Abuso

Bullying

Luto e perda

Manipulação

Morte

Tortura

Violência sexual

Para a Kelly Link, do Povo marinho



Mapa das Ilhas Inconstantes de

ELFHAME

Mansão de Locke

INSMOOR

Mercado de
Mandrágora

Torre
du

Esquecimento

INSWEAL

Solar Oco

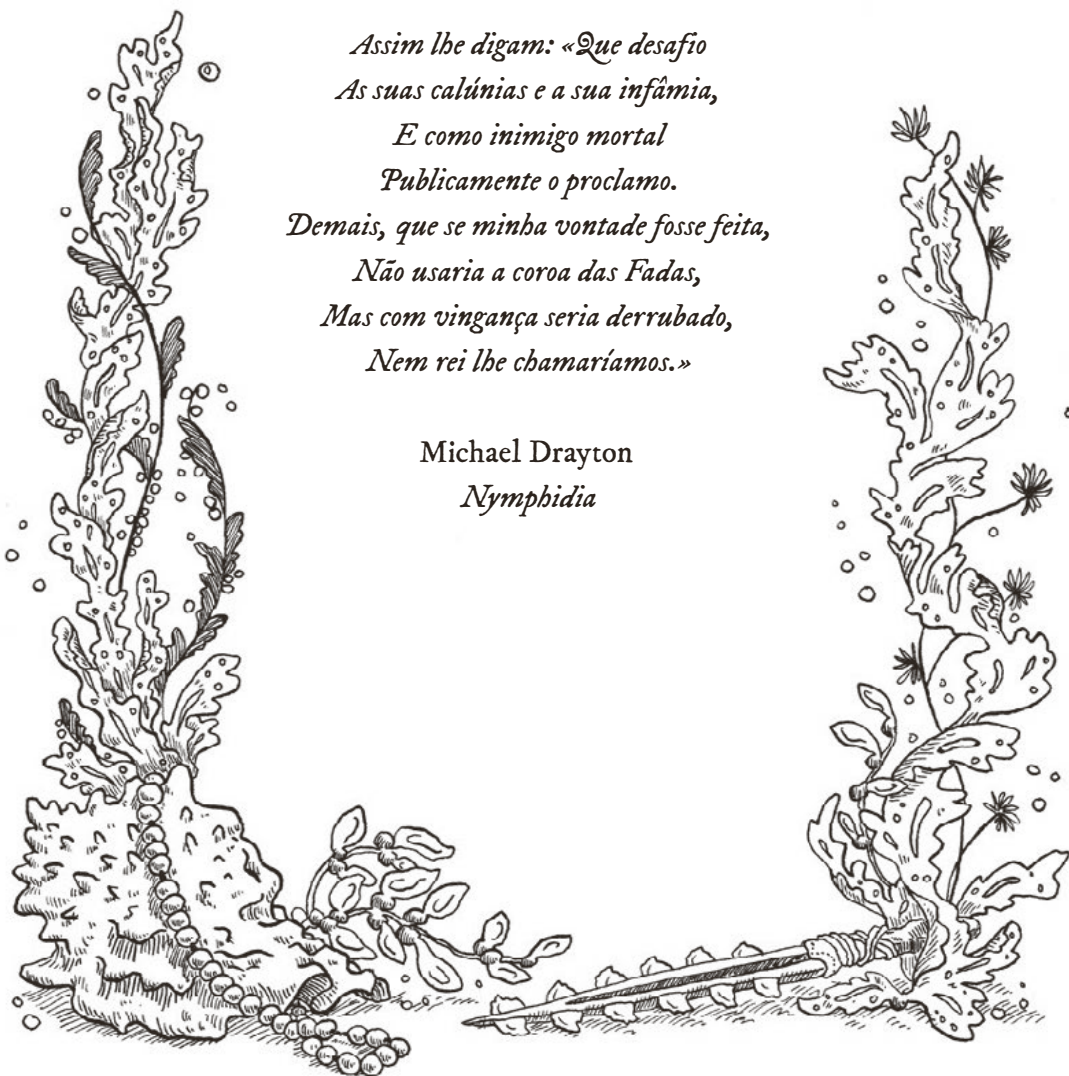
PROFUNDEZAS
MARINHAS

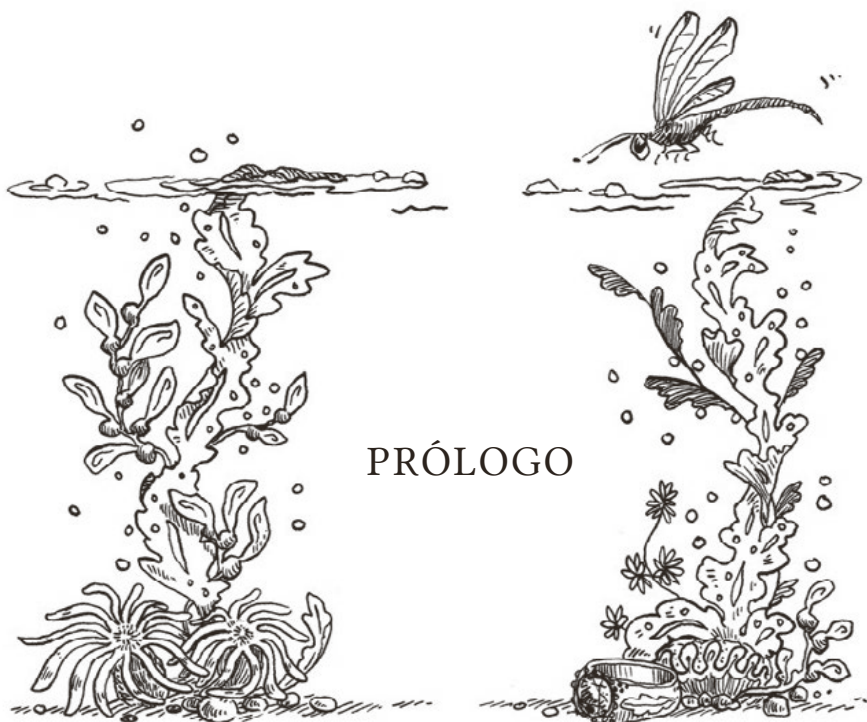


Livro Um

*Assim lhe digam: «Que desafio
As suas calúnias e a sua infâmia,
E como inimigo mortal
Publicamente o proclamo.
Demais, que se minha vontade fosse feita,
Não usaria a coroa das Fadas,
Mas com vingança seria derrubado,
Nem rei lhe chamaríamos.»*

Michael Drayton
Nymphidia





Jude ergueu a pesada espada de treino, assumindo a postura inicial: prontidão.

Habitua-te ao peso, disse-lhe Madoc. Terás de ter força suficiente para golpear e golpear e tornar a golpear, sem te cansares. A primeira lição será tornares-te assim tão forte.

Será doloroso. A dor torna-te forte.

Fincou os pés no relvado. O vento soprava-lhe o cabelo enquanto assumia cada posição. Primeira: a espada à sua frente, inclinada para um dos lados, protegendo o corpo. Segunda: o pomo erguido, como se a lâmina fosse um chifre que lhe saísse da cabeça. Terceira: baixando até à anca e desenhando uma curva descendente e fluida à sua frente. E quarta: outra vez para cima, até ao ombro. Cada postura era fácil de se converter em ataque ou defesa. Combater era como jogar xadrez, antecipando o movimento do adversário e respondendo-lhe antes de haver contacto.



Mas era xadrez jogado com o corpo inteiro. Xadrez que a deixava coberta de nódoas negras, cansada e frustrada com o mundo inteiro e também consigo mesma.

Ou talvez fosse mais como andar de bicicleta. Quando aprendeu a fazê-lo, no mundo real, caiu muitas vezes. Os seus joelhos ficaram tão esfolados que a mãe pensou que ficaria com cicatrizes. Mas Jude tinha tirado sozinha as rodas de treino e desdenhara qualquer cuidado a andar no passeio, tal como Taryn. Jude queria andar na rua, depressa como Vivi, e se, como consequência, ficasse com gravilha cravada na pele... bem... nesse caso, deixaria o pai tirá-la com uma pinça à noite.

Às vezes, Jude sentia saudades da sua bicicleta, pois não havia nenhuma em Faerie. Havia, no entanto, sapos gigantes, póneis magros esverdeados e cavalos de olhos desvairados, esguios como sombras.

E armas.

E o assassino dos seus pais, agora seu pai adotivo. Madoc, o general do Rei Altíssimo, que queria ensiná-la a cavalgar demasiado rápido e a lutar até à morte. Mas por mais fortes que fossem os seus golpes contra ele, apenas lhe causavam riso. A raiva dela agradava-lhe. Era *fogo*, dizia ele.

Ela gostava de sentir raiva. Era preferível ao medo. Era melhor do que se lembrar que era uma mortal entre monstros. Já ninguém lhe dava a opção de usar rodas de treino.

Do outro lado do campo, Madoc orientava Taryn numa sucessão de posturas. Taryn também estava a aprender a usar a espada, apesar de os seus problemas serem diferentes dos de Jude. As suas posturas eram mais perfeitas, mas odiava a esgrima. Respondia com defesas previsíveis a ataques óbvios e era fácil atraí-la para uma sucessão de movimentos e atingi-la pela interrupção do padrão. De cada vez que acontecia,



Taryn enfurecia-se, como se Jude estivesse a trocar os passos de uma dança e não a ganhar.

— Vem cá — chamou Madoc do outro lado do amplo relvado em tons de prateado.

Aproximou-se dele, com a espada sobre os ombros. O sol punha-se, mas as fadas eram criaturas do ocaso e o seu dia estava longe de terminar. O céu estava riscado com cobre e ouro. Inspirou fundo o cheiro a agulhas de pinheiro. Por um momento, sentiu-se como uma miúda a aprender um desporto novo.

— Vem esgrimir — disse, quando Jude se aproximou. — Vocês as duas contra este velho barrete-vermelho. — Taryn apoiou-se na espada, cravando a ponta no chão. Não devia segurá-la assim — não era bom para a lâmina —, mas Madoc não a repreendeu.

— O poder — disse. — O poder é a capacidade de conseguirmos o que queremos. O poder é a capacidade de tomar-mos decisões. E como conseguimos poder?

Jude posicionou-se ao lado da sua gémea. Era óbvio que Madoc esperava uma resposta, e igualmente óbvio que esperava a resposta errada.

— Aprendendo a lutar bem? — disse Jude, para dizer *alguma coisa*.

Quando Madoc lhe sorriu, ela viu as pontas dos seus caninos inferiores, mais longos do que o resto dos dentes. Despenteou-lhe o cabelo, e Jude sentiu as pontas das suas unhas, quase garras, no seu couro cabeludo, de forma demasiado suave para a magoar, mas sem deixar de a lembrar o que ele era.

— Conseguimos poder, tomando-o.

Apontou para uma colina baixa com um espinheiro a crescer-lhe no topo.



— A lição seguinte será um jogo. Aquela colina é minha. Avancem e capturem-na.

Taryn pôs-se a caminho, obediente, seguida por Jude. Madoc acompanhou-as com um sorriso cheio de dentes.

— E agora? — perguntou Taryn, sem qualquer entusiasmo perceptível.

Madoc olhou para o horizonte, como se ponderasse e descartasse várias regras.

— Agora, defendam a colina de um ataque.

— Como assim? — perguntou Jude. — De ti?

— Isto é um jogo de estratégia ou um exercício de combate? — perguntou Taryn, franzindo a testa.

Madoc elevou-lhe o queixo com o dedo, erguendo a cabeça de Taryn até esta fitar os seus olhos dourados de gato.

— Que é o combate senão um jogo de estratégia acelerado? — disse-lhe com grande seriedade. — Fala com a tua irmã. Quando o sol chegar ao tronco daquela árvore, tomarei a minha colina. Derrubem-me uma vez e vencem as duas.

A seguir, partiu para um aglomerado de árvores a alguma distância. Taryn sentou-se no relvado.

— Não quero fazer isto — disse.

— É só um jogo — recordou-lhe Jude, nervosa.

Taryn lançou-lhe um olhar — aquele que trocavam quando uma delas estava a fingir que tudo estava normal.

— Que *achas* que devemos fazer?

Jude olhou para os ramos do espigueiro.

— E se uma de nós atirar pedras enquanto a outra combate?

— Está bem — disse Taryn, levantando-se e começando a enfiar pedras nos bolsos das saias.

— Achas que vai ficar chateado?



Jude abanou a cabeça, mas percebeu a pergunta de Taryn. E se as matasse por acidente?

Tens de escolher em que colina morrerás, costumava dizer a mãe ao pai. Era uma daquelas expressões estranhas que os adultos esperavam que compreendesse, mesmo que nada naquilo fizesse sentido — como «mais vale um pássaro na mão do que dois a voar» ou «um pau de dois bicos» ou o mistério total que era «um boi a olhar para um palácio». Agora, estar no alto de uma colina a sério, com uma espada na mão, isso sim, percebia muito melhor.

— Vai para o teu lugar — disse Jude, apressando-se Taryn a trepar ao espinheiro. Jude olhou para o sol e pensou no tipo de truques que Madoc poderia usar. Quanto mais ele esperasse, mais escuro ficaria, e Jude e Taryn não conseguiam ver no escuro como ele.

Mas, afinal, acabou por não usar quaisquer truques. Saiu de entre as árvores e correu para elas, uivando como se comandasse um exército de cem soldados. Jude sentiu os joelhos a tremer de horror.

Isto é só um jogo, recordou a si mesma, frenética. Quanto mais se aproximava, menos o seu corpo acreditava nela. Todos os instintos animais lhe diziam para fugir.

A estratégia que escolheram parecia-lhe tonta perante a enormidade dele e a pequenez delas. Perante o medo que sentia. Recordou a sua mãe a esvair-se em sangue no chão, recordou o cheiro das entranhas dela expostas. A memória pareceu-lhe um trovão na cabeça. Ela ia morrer.

Foge, insistia todo o seu corpo. **FOGE!**

Não. A sua mãe tinha fugido. Jude fincou os pés.

Forçou-se a assumir a primeira postura, mesmo que as pernas lhe tremessem. A vantagem era dele, mesmo enquanto



subia aquela colina, porque o ímpeto era seu. As pedras que Taryn lhe atirava mal o abrandaram.

Jude saiu-lhe da frente, sem se dar ao trabalho de tentar bloquear o primeiro golpe. Pondo a árvore entre ambos, esquivou-se ao segundo e ao terceiro. Quando o quarto veio, atirou-a ao chão.

Fechou os olhos à espera do golpe mortal.

— Podem capturar uma coisa quando ninguém está a ver. Mas defendê-la, mesmo com todas as vantagens do vosso lado, não é tarefa fácil — disse-lhe Madoc, rindo-se. Jude olhou para cima e viu que ele lhe estendia uma mão. — É mais fácil conquistar o poder do que mantê-lo.

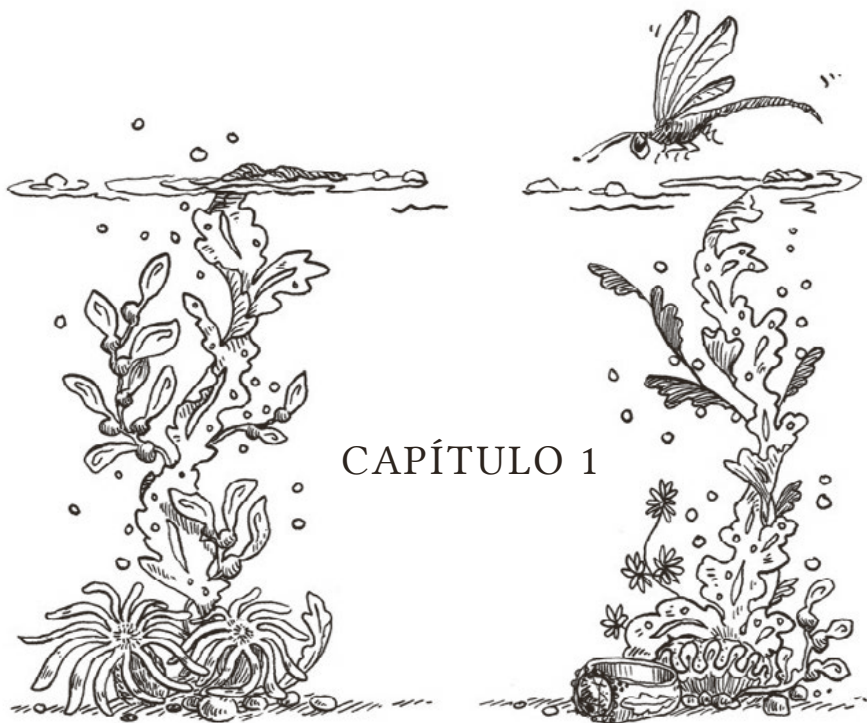
O alívio envolveu-a. Era só um jogo, afinal. Só mais uma lição.

— Isso não foi justo — protestou Taryn.

Jude não disse nada. Nada era justo em Faerie. Tinha aprendido a deixar de esperar que fosse.

Madoc ajudou Jude a levantar-se e cobriu-lhe os ombros com um braço pesado. Abraçou-a e à sua gémea. Cheirava a fumo e a sangue seco, mas Jude deixou-se encostar a ele. Era bom ser abraçada. Até por um monstro.





CAPÍTULO 1

O novo Rei Altíssimo de Faerie repousa no seu trono, com a coroa num ângulo despreocupado sobre a cabeça e a sua capa longa, de um escarlate pérfido, presa nos ombros e a varrer o chão. Um brinco brilha na ponta de uma orelha bicuda. Anéis pesados cintilam-lhe nos dedos. O enfeite mais ostensivo é, no entanto, a sua boca suave e amuada.

Fá-lo parecer um sacana tão grande como é.

Permaneço de pé, ao lado dele, na posição honrada de senescal. Sou, supostamente, a conselheira de maior confiança do Rei Altíssimo Cardan e desempenho esse papel, em vez do meu papel real — a mão por trás do trono, com poder para forçá-lo a obedecer, no caso de tentar trair-me.

Procuo na multidão um espião da Corte das Sombras. Intercetaram uma mensagem da Torre do Esquecimento, onde o irmão de Cardan está preso, e trazem-na a mim em vez de ao seu destinatário.



E esta é só a crise mais recente.

Passaram cinco meses desde que forcei Cardan a aceitar o trono de Elfhame como meu rei-fantochê, cinco meses desde que traí a minha família. Desde que a minha irmã levou o meu irmãozinho para o reino mortal, para longe da coroa que poderia ter usado. Desde que cruzei espadas com Madoc.

Cinco meses desde a última vez que dormi mais do que algumas horas seguidas.

Pareceu-me uma boa troca — uma troca muito típica de Faerie, na verdade: sentar no trono alguém que me desprezava, para que Oak ficasse fora de perigo. Foi emocionante enganar Cardan para que promettesse servir-me durante um ano e um dia. Fiquei eufórica quando o meu plano resultou. Na altura, um ano e um dia pareceram-me uma eternidade. Mas, hoje, tinha de perceber como conseguiria mantê-lo sob o meu poder — e longe de sarilhos — durante mais tempo. Tempo suficiente para Oak poder ter o que eu não tive: uma infância.

Hoje, um ano e um dia não me parece tempo nenhum.

E, apesar de ter sentado Cardan no trono pelas minhas próprias maquinações, apesar de conspirar para o manter ali, não consigo não me sentir perturbada por vê-lo tão confortável.

Os governantes de Faerie estão ligados à terra. São o sangue e o coração do seu reino, de uma forma mística que não percebo por inteiro. Mas Cardan não o será, certamente. Não com o seu empenho em ser um preguiçoso que não governa nada.

Em grande parte, as suas obrigações resumem-se a deixar que as suas mãos cobertas de anéis sejam beijadas e a aceitar os louvores do Povo. De certeza que essa parte lhe agrada — os beijos, as vénias, a subserviência. O vinho agrada-lhe, definitivamente. Pede uma e outra vez que voltem a encher-lhe,



com um licor verde-claro, o cálice incrustado com cabuchões. O cheiro deixa-me zozna.

Durante uma pausa, olha para mim e ergue uma sobancelha negra.

— Divertida?

— Não tanto como tu — digo-lhe.

Por mais que me odiasse quando estávamos na escola, esse ódio empalidecia quando comparado com o que passou a ter-me. A sua boca esboça um sorriso. Os seus olhos brilham com malícia.

— Olha para todos eles, os teus súbditos. É uma vergonha que nem um saiba quem é o seu verdadeiro soberano.

A minha cabeça ferve um pouco quando ouço isto. Tem o dom de pegar num elogio e transformá-lo num insulto, numa pontada que dói mais ainda pela tentação de a aceitar pelo que parece ser.

Passei tantos festins a evitar atrair atenções. Agora, todos me veem, banhada pela luz das velas, num de três gibões pretos quase idênticos que uso todas as noites, com a minha espada Anoitecer presa na anca. Giram em danças circulares e tocam as suas canções, bebem o seu vinho dourado e compõem os seus enigmas e as suas pragas, enquanto os observo do estrado real. São belos e terríveis, e podem desprezar a minha mortalidade, podem troçar dela, mas eu estou aqui em cima e eles não.

Claro que isso talvez não seja assim tão diferente de me esconder. Talvez seja apenas esconder-me à vista de todos. Mas não posso negar que o poder me agrada, que sinto prazer quando penso nele. Queria apenas que Cardan não o percebesse.

Se olhar com atenção, consigo avistar a minha irmã gêmea, Taryn, a dançar com Locke, o seu prometido. Locke, que um dia pensei poder amar-me. Locke, que um dia eu pensei



amar de volta. Mas é de Taryn que sinto falta. Em noites como esta, imagino que salto do estrado e vou até ela, tentando explicar-lhe as minhas escolhas.

O casamento dela acontecerá daqui a três semanas, e ainda não falámos.



Não paro de repetir para mim mesma que preciso que seja ela a vir até mim primeiro. Fez-me passar por parva com Locke. Ainda me sinto estúpida quando olho para eles. Se Taryn não pedir desculpa, que, pelo menos, seja ela a fingir que não há motivo para pedir desculpa. Até poderei aceitar isso. Mas não serei eu a dar o primeiro passo ou a suplicar.

Os meus olhos seguem-na enquanto dança.

Não me dou ao trabalho de procurar Madoc. O seu amor fez parte do preço que paguei por esta posição.

Um homem fada baixo e enrugado, com uma nuvem de cabelo prateado e um casaco escarlate, ajoelha-se diante do estrado, esperando ser reconhecido. Tem pedras preciosas nos punhos e o alfinete de mariposa que lhe prende a capa tem asas que se mexem sozinhas. Apesar da sua postura subserviente, o seu olhar é ganancioso.

Ao lado dele, erguem-se dois membros altos do Povo das colinas, com longos membros e cabelo soprado para trás, mesmo que não haja brisa.

Bêbedo ou sóbrio, agora que passou a ser o Rei Altíssimo, Cardan tem de ouvir os súbditos, que esperam que resolva os seus problemas, por mais pequenos que sejam, ou que lhes conceda uma benesse. Não consigo imaginar por que motivo alguém depositaria o destino nas suas mãos, mas Faerie abunda em caprichos.

Felizmente, estou aqui para lhe sussurrar o meu conselho ao ouvido, como qualquer senescal faria. A diferença é que



tem de fazer o que lhe digo. E se sussurrar alguns insultos horrendos como resposta, bem, pelo menos será forçado a sussurrá-los.

Claro que, aí, a questão passa a ser se mereço ou não aquele poder. *Não serei horrível por diversão*, digo a mim mesma. *Terá de valer alguma coisa*.

— Ah — diz Cardan, inclinando-se para a frente no trono e fazendo a coroa descer-lhe mais ainda pela testa. Bebe um longo gole de vinho e sorri ao trio. — Deverá ser um problema muito grave, para o trazerem perante o Rei Altíssimo.

— Terás já ouvido falar de mim — diz o pequeno homem fada. — Fiz a coroa que tens sobre a cabeça. Chamam-me Grimsen, o Ferreiro, há muito exilado com o Rei-Antigo. Os seus ossos repousam agora, e há um novo Rei-Antigo em Fairfold, tal como há aqui um novo Rei Altíssimo.

— Severin — digo.

O ferreiro olha para mim, claramente surpreendido por me ouvir falar. A seguir, olha de novo para o Rei Altíssimo.

— Imploro que me permitas regressar à Corte Altíssima.

Cardan pestaneja algumas vezes, como se tentasse focar o olhar no suplicante à sua frente.

— Então foste exilado? Ou decidiste partir?

Lembro-me de Cardan me falar um pouco de Severin, mas não tinha mencionado Grimsen. Tinha ouvido falar dele, claro. É o ferreiro que fez a Coroa de Sangue para Mab e que a cobriu de encantamentos. Diz-se que consegue fazer qualquer coisa de metal, mesmo criaturas vivas — aves de metal que voam, serpentes de metal que rastejam e mordem. Fez as espadas gémeas, a Caça-Corações e a Prometida, uma que nunca falha e outra capaz de cortar qualquer coisa. Infelizmente, fê-las para o Rei-Antigo.



— Jurei-lhe lealdade como seu servo — diz Grimsen. — Quando foi exilado, fui obrigado a segui-lo... E, quando o fiz, também eu caí em desgraça. Mesmo que apenas lhe tenha feito bugigangas em Fairfold, continuava a ser considerado criatura sua pelo teu pai. Agora que morreram os dois, peço permissão para encontrar um lugar para mim aqui na tua Corte. Não me castigues mais e a minha lealdade será tão grande como a tua sabedoria.

Olho para o pequeno ferreiro com mais atenção e, de repente, tenho a certeza de que está a jogar com as palavras. Mas com que fim? O pedido parecia genuíno e, se a humildade de Grimsen não o é, a sua fama impede que isso seja uma surpresa.

— Muito bem — diz Cardan, parecendo agradado por lhe terem pedido alguma coisa fácil de conceder. — O teu exílio terminou. Jura-me lealdade e serás bem-vindo na Corte Altíssima.

Grimsen faz uma vénia. Há na sua expressão uma alteração dramática.

— Nobre rei, pedes ao teu servo a coisa mais pequena e razoável, mas eu, que sofri por tais juras, temo voltar a fazê-las. Concede-me isto: permite que possa demonstrar-te a minha lealdade pelos meus atos em vez de me comprometer com as minhas palavras.

Ponho a mão no braço de Cardan, mas este ignora o meu sinal de cautela. Podia dizer alguma coisa, e ele seria obrigado — por ordem prévia — a, pelo menos, não me contrariar, mas não sei o que dizer. Ter o ferreiro ali, a forjar para Elfhame, não é coisa pouca. Valerá, pelo menos, a ausência de jura.

E, no entanto, algo no olhar de Grimsen parece demasiado confiante e seguro de si. Desconfio que seja um truque.



Cardan fala antes de eu conseguir perceber mais alguma coisa.

— Aceito a tua condição. E conceder-te-ei uma benesse. Há um velho edifício com uma forja na fronteira dos terrenos do palácio. Será teu e todo o metal que pedires também. Anseio por ver o que farás para nós.

Grimsen volta a fazer uma vénia.

— A tua gentileza não será esquecida.

Isto não me agrada, mas talvez esteja a ser exageradamente cautelosa. Talvez não goste do ferreiro, apenas. Há pouco tempo para refletir antes de outro suplicante avançar.

Uma bruxa, velha e poderosa que chegou para fazer o ar à sua volta faiscar com o poder da sua magia. Os seus dedos são como ramos, o seu cabelo é da cor do fumo, e o seu nariz como a lâmina de uma foice. À volta do pescoço, traz um colar de pedras, cada conta gravada com espirais que parecem prender e intrigar o olhar. Quando se mexe, a túnica pesada que a cobre acompanha o movimento, e avisto pés com garras como os de uma ave de rapina.

— Reizinho — diz a bruxa. — A Mãe Marrow traz-te presentes.

— A tua lealdade é tudo o que exijo. — A voz de Cardan é delicada. — Por agora.

— Oh, sou leal à Coroa, sem dúvida — diz ela, enfiando a mão num dos seus bolsos e puxando um pano que parece mais negro do que o céu noturno, tão negro que parece absorver a luz à sua volta. O tecido desliza-lhe sobre a mão. — Mas vim aqui para te dar uma prenda rara.

O Povo não gosta de dívidas e é por isso que nunca pagam um favor com um simples obrigado. Deem-lhes um biscoito de aveia, e encherão uma das divisões da casa com cereais,



exagerando na compensação para transferir a dívida para quem fez a primeira oferta. Ainda assim, os Reis Altíssimos recebem tributos constantes: ouro, serviços prestados, espadas com nome. Mas não costumamos chamar-lhes *presentes*. Ou *prêmios*.

Não sei como interpretar o seu pequeno discurso.

Ronrona:

— A minha filha e eu tecemos isto com teia de aranha e pesadelos. Uma vestimenta deste tecido consegue defletir uma lâmina afiada e, no entanto, ser macia como uma sombra na tua pele.



Cardan franze a testa, mas o seu olhar não se afasta do tecido maravilhoso.

— Admito que nunca terei visto igual.

— Então aceitas o que te concedo? — pergunta com um brilho matreiro no olhar. — Sou mais velha do que o teu pai e a tua mãe. Mais velha do que as pedras deste palácio. Tão velha como os ossos da terra. Mesmo que sejas o Rei Altíssimo, a Mãe Marrow aceitará a tua palavra.

Cardan semicerra os olhos. Percebo que o irritou.

Há aqui um truque e, desta vez, percebo o que é. Antes de ele poder responder, digo:

— Falaste em *presentes*, mas só nos mostraste o teu tecido maravilhoso. Estou certa de que a Coroa receberá com agrado o que for livremente oferecido.

O olhar dela fixa-se em mim. Os seus olhos são duros e frios como a noite.

— E quem és tu para falares pelo Rei Altíssimo?

— Sou a sua senescal, Mãe Marrow.

— Permites que esta rapariga mortal responda por ti? — pergunta a Cardan.



Cardan olha-me com tanta condescendência que me sinto corar. O olhar permanece. A sua boca curva-se.

— Suponho que sim — diz, por fim. — Diverte-se a manter-me longe de apuros.

Mordo a língua ao vê-lo fazer uma expressão plácida para a Mãe Marrow.

— É esperta que chegue — diz a bruxa, cuspidando as palavras como uma praga. — Muito bem. O tecido é teu, Majestade. Ofereço-o. Dou-te isto e nada mais.

Cardan inclina-se para a frente como se estivessem a partilhar uma piada.

— Diz-me o resto. Gosto de truques e ardis. Mesmo aqueles em que quase fui apanhado.

A Mãe Marrow inclina-se para um lado e para o outro, sobre os pés com garras. É o primeiro sinal de inquietação que demonstra. Mesmo para uma bruxa com ossos tão velhos como ela afirmou, a ira de um Rei Altíssimo é perigosa.

— Muito bem. Se tivesses aceitado tudo o que te concedo, ficarias sob uma *geas* que te deixaria casar apenas com uma tecelã do tecido nas minhas mãos. Eu... ou a minha filha.

Sinto um arrepio frio ao pensar no que poderia ter acontecido. Poderia o Rei Altíssimo de Faerie ter sido obrigado a tal casamento? Sem dúvida que teria havido uma saída. Pensei no Rei Altíssimo anterior, que nunca casou.

O casamento é raro entre os governantes de Faerie, porque quem se torna soberano continuará a sê-lo até à morte ou até à abdicação. Entre a gente comum do Povo, os casamentos de fadas são combinados com possibilidade de saída. Ao contrário do «até que a morte nos separe» dos mortais, estes contêm condições como «até ambos renunciarem um ao outro» ou «a não ser que um golpeie o outro em fúria» ou o cuidadosamente



formulado «pelo período de uma vida», sem especificar de quem. Mas uma união de reis e/ou rainhas nunca pode ser dissolvida.

Se Cardan casasse, não bastaria retirá-lo do trono para lá sentar Oak. Teria de fazer o mesmo à sua esposa.

As sobranceiras de Cardan erguem-se, mas sem deixar de demonstrar uma serena despreocupação.

— Lisonjeias-me, senhora. Desconhecia o teu interesse.

O olhar dela não vacila enquanto entrega o seu presente a um dos guardas pessoais de Cardan.

— Que um dia estejas à altura da sabedoria dos teus conselheiros.

— A oração fervorosa de muitos — diz ele. — Diz-me. A tua filha viajou contigo?

— Está aqui — diz a bruxa. Uma rapariga destaca-se da multidão para fazer uma vénia diante de Cardan. É jovem, com cabelo abundante e solto. Como a sua mãe, tem membros compridos e estranhos, semelhantes a ramos, mas tem a graça que falta ao seu físico ossudo e perturbador. Talvez ajude que os seus pés pareçam humanos.

Mesmo que, verdade seja dita, estejam virados para trás.

— Seria um marido fraco — diz Cardan, olhando a rapariga, que parecia encolher-se sobre si mesma com a intensidade do seu olhar. — Mas concede-me uma dança e mostrar-te-ei os meus outros talentos.

Olho-o com desconfiança.

— Vem — diz a Mãe Marrow à rapariga, e segura-a pelo braço sem grande delicadeza, arrastando-a pela multidão. A seguir, olha para Cardan. — Voltaremos a encontrar-nos os três.

— Todas vão querer casar contigo, sabes? — diz Locke. Reconheço-lhe a voz antes mesmo de o ver ocupar o lugar que a Mãe Marrow deixou vazio.



Sorri a Cardan, parecendo encantado consigo mesmo e com o mundo.

— Será melhor que aceites concubinas — aconselha Locke.

— Muitas concubinas.

— Palavras de um homem prestes a casar — recorda-lhe Cardan.

— Oh, deixa-me estar. Tal como a Mãe Marrow, também te trouxe um presente. — Locke dá um passo na direção do estrado. — Com menos espinhos. — Não me olha. É como se não me visse ou como se fosse tão desinteressante como uma peça de mobiliário.

Gostava que não me incomodasse. Gostava de não recordar quando estava no topo da torre mais alta da sua propriedade, sentindo o corpo quente dele contra o meu. Gostava que não me tivesse usado para testar o amor da minha irmã. Gostava que ela não lho tivesse permitido.

Se os desejos fossem cavalos, costumava dizer o meu pai mortal, *os mendigos montariam*. Outra daquelas frases que não faz sentido até fazer.

— Sim? — Cardan parece mais confuso do que intrigado.

— Gostava de te oferecer *eu próprio*, como teu Mestre de Festins. Concede-me a posição, e tornarei meu dever e prazer impedir que o Rei Altíssimo de Elfhame se aborreça — diz Locke.

Há tantas posições no palácio — criados e ministros, embaixadores e generais, conselheiros e alfaiates, bobos e tecedores de enigmas, mordomos de cavalos e guardadores de aranhas, e uma dúzia de outras posições de que me esqueci. Nem sequer sabia que *existia* um Mestre de Festins. Talvez não existisse até agora.

— Servirei maravilhas que nunca imaginaste. — O sorriso de Locke é contagioso. Servirá sarilhos, sem dúvida. Sarilhos para os quais não tenho tempo.



— Cautela — digo, fazendo Locke olhar-me pela primeira vez. — Decerto não desejas insultar a imaginação do Rei Altíssimo.

— Decerto que não — diz Cardan, de uma forma difícil de interpretar.

O sorriso de Locke não vacila. Em vez disso, salta para o estrado, fazendo os cavaleiros de cada lado avançarem imediatamente para o impedirem. Cardan afasta-os com um gesto.

— Se o nomeares Mestre de Festins... — começo, apressada e em desespero.

— Estás a dar-me ordens? — interrompe Cardan, arqueando uma sobrancelha.

Sabe que não posso dizer que sim, não com a possibilidade de sermos ouvidos por Locke.

— Claro que não. — Recuo.

— Ótimo — diz Cardan, afastando o olhar de mim. — Apetece-me conceder o teu pedido, Locke. As coisas têm sido tão aborrecidas nos últimos tempos.

Vejo o sorriso de Locke e mordo a língua para conter palavras de ordem. Teria sido tão satisfatório ver a sua cara, exibir o meu poder diante dele.

Satisfatório, mas estúpido.

— Antes, Gralhas, Cotovias e Falcões disputavam o coração da Corte — diz Locke, referindo-se às fações que favoreciam a festança, o engenho ou a guerra. Fações que Eldred ia favorecendo e desprezando. — Mas, agora, o coração da Corte é teu e só teu. Vamos parti-lo.

Cardan olha com estranheza para Locke, como se pensasse, pela primeira vez, que ser o Rei Altíssimo poderia ser *divertido*. Como se imaginasse como seria governar sem precisar de forçar a trela na minha mão.



A seguir, do outro lado do estrado, avisto, por fim, Bomba, uma espia na Corte das Sombras, com o cabelo branco a formar uma auréola à volta da sua cara escura. Faz-me sinais.

Não me agrada deixar Locke e Cardan juntos — não me agrada a sua noção de diversão —, mas tento ignorar isso enquanto me afasto do estrado e me aproximo dela. Afinal, é impossível conspirar contra Locke quando está ocupado com o que mais o diverte neste momento...

A meio caminho do sítio onde Bomba me espera, ouço a voz de Locke ecoar sobre a multidão.

— Celebraremos a Lua do Caçador no Bosque Lácteo e, aí, o Rei Altíssimo dar-vos-á um deboche tal, que os bardos cantarão sobre ele. Prometo-vos.

O pavor forma um nó na minha barriga.

Locke puxa algumas sílfides da multidão para o estrado, com as suas asas iridescentes a refletirem a luz das velas. Uma rapariga ri-se alto e estende a mão para o cálice de Cardan, esvaziando-o. Espero que ele reaja, que a humilhe ou lhe destrua as asas, mas limita-se a sorrir e a pedir mais vinho.

Qualquer que seja o plano de Locke, Cardan parece preparado para alinhar. Todas as coroações de Faerie são seguidas por um mês de festins — banquetes, bebida, enigmas, duelos e mais. Esperar-se-á que o Povo dance até gastar a sola dos sapatos, do anoitecer ao amanhecer. Mas, cinco meses depois de Cardan se tornar Rei Altíssimo, o grande salão continua sempre cheio, com os chifres a transbordarem de hidromel e vinho de trevo. O festejo mal abrandou.

Há muito tempo que Elfhame não tinha um Rei Altíssimo tão jovem, e o desvario infeta os cortesãos. A Lua do Caçador virá em breve, antes mesmo do casamento de Taryn. Se Locke



tenciona avivar, cada vez mais, as chamas da festança, quanto tempo demorará até tornar-se um perigo?

Com alguma dificuldade, viro as costas a Cardan. Afinal, de que serviria captar o seu olhar? O seu ódio é tal que fará o que puder para me desafiar, sem desobedecer às minhas ordens. E ele é muito bom a desafiar.

Gostaria de dizer que sempre me odiou, mas, durante um momento breve e estranho, pareceu-me que nos compreendíamos, ou até que gostávamos um do outro. Aquela aliança improvável tinha começado com a minha lâmina contra a garganta dele e fê-lo confiar o suficiente em mim para se entregar nas minhas mãos.

Uma confiança que traí.

Outrora, atormentava-me por ser jovem, entediado, irritado e cruel. Agora, tinha motivos melhores para os tormentos a que me submeteria quando passasse um ano e um dia. Será muito difícil mantê-lo sempre sob o meu poder.

Alcanço Bomba e esta enfia-me um pedaço de papel na mão.

— Outra mensagem do Balekin para o Cardan — diz. — Esta chegou até ao palácio antes de a intercetarmos.

— É igual às duas primeiras?

Acena com a cabeça.

— Muito parecida. O Balekin tenta usar a lisonja para convencer o nosso Rei Altíssimo a visitar a sua cela. Quer propor um acordo qualquer.

— Claro que quer — digo, sentindo-me outra vez feliz por ter sido recebida na Corte das Sombras e por ainda contar com eles para olharem por mim.

— Que farás? — pergunta-me.

— Visitarei o príncipe Balekin. Se quer fazer uma proposta ao Rei Altíssimo, terá de começar por convencer a sua senescal.



Um canto da sua boca ergue-se.

— Irei contigo.

Volto a olhar para o trono, fazendo um gesto vago.

— Não. Fica aqui. Tenta impedir que o Cardan se meta em sarilhos.

— *Ele* é o maior sarilho — recorda-me, sem parecer muito preocupada com a sua própria afirmação.

Enquanto me dirijo às passagens que conduzem ao interior do palácio, avisto Madoc do outro lado do salão, quase envolto em sombras, fitando-me com olhos de gato. Não está perto que chegue para falar, mas, se estivesse, não tenho dúvidas acerca do que diria.

O poder é muito mais fácil de conquistar do que de manter.





É MAIS FÁCIL CONQUISTAR O PODER DO QUE MANTÊ-LO...



Jude uniu-se ao príncipe cruel e tornou-se o poder por detrás do trono. Mas se a corte de Faerie é difícil de gerir, já Cardan revela-se impossível de controlar.

O jogo de rivalidade e desejo entre os dois torna-se cada vez mais intenso e explosivo.

Quando Jude acha que tem todas as peças na mão, é atraída. Agora, ela precisa desesperadamente de manter Cardan no trono.

Jude vai descobrir que o poder além de viciante...
é perverso!



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 seekthebutterfly.pt
 secretocietypt
#seekthebutterfly

ISBN 9789895830176



9 789895 830176 >

